



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

IANE BARROS DOS SANTOS VELOSO

**TERRA ENTRE RIOS:
FIGURATIVIZAÇÕES DO TOCANTINS NA POESIA DE WALACE RODRIGUES**

**Araguaína – TO
2019**

IANE BARROS DOS SANTOS VELOSO

**TERRA ENTRE RIOS:
FIGURATIVIZAÇÕES DO TOCANTINS NA POESIA DE WALACE RODRIGUES**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, para a obtenção do título de Licenciado em Letras: Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, sob a orientação da Prof.^a Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva.

Araguaína – TO
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- V443t Veloso, Iane Barros dos Santos.
Terra entre rios: figurativizações do Tocantins na poesia de Wallace Rodrigues. / Iane Barros dos Santos Veloso. – Araguaína, TO, 2019.
41 f.
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2019.
Orientadora : Luiza Helena Oliveira da Silva
1. Literatura no Tocantins. 2. Wallace Rodrigues. 3. Semiótica discursiva.
4. Figurativização. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

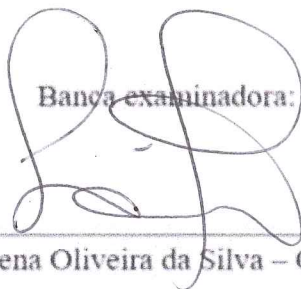
Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**TERRA ENTRE RIOS:
FIGURATIVIZAÇÕES DO TOCANTINS NA POESIA DE
WALACE RODRIGUES**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, Curso de Graduação em Letras: Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, para a obtenção do título de Licenciado em Letras: Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca examinadora.

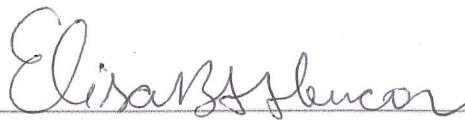
Data de Aprovação: 28 de novembro de 2019.

Banca examinadora:

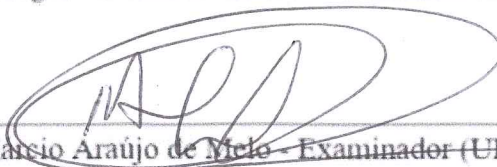


Prof. Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva – Orientadora (UFT)

Prof. Dra. Vilma Nunes da Silva - Examinadora (UFT)



Prof. Dra. Elisa Borges Alcântara Alencar – Examinadora (UFT)



Prof. Dr. Marcio Araújo de Melo - Examinador (UFT)

A Deus, que me amou de tal maneira que deu seu único filho para morrer morte de cruz por amor a mim. Pela sua infinita bondade me abençoou, me protegeu e me capacitou para que eu pudesse realizar este sonho. Compartilho da mesma gratidão do Salmista Davi que disse: o que darei eu ao senhor por tudo o que tens feito por mim? Com seu grande poder, majestade e glória fez com que os desafios encontrados durante minha trajetória acadêmica fossem vencidos um a um.

A César C. Veloso, meu amado esposo, por todo amor, compreensão, dedicação e suporte dados a mim e aos nossos filhos. Por todas as vezes que se disponibilizou a ir me levar e ir me buscar na faculdade, por todos os gastos financeiros e emocionais que a minha graduação lhe custaram, pelo incentivo, por acreditar em mim, por sonhar comigo e principalmente por cuidar de nossos filhos enquanto eu estive ausente. Muito obrigada, meu amor.

Aos meus filhos, Gabriel e Guilherme B. Veloso que, mesmo de forma inconsciente, souberam lidar com minha ausência durante a elaboração desta pesquisa e minha formação em Letras. Perdoem pelas vezes que tive que deixá-los com febre e ir apresentar um seminário ou responder uma prova, pelas vezes que queria colo e atenção e eu deixava para depois, por ter que estudar um conteúdo importante, pelos finais de semana que dediquei mais tempo as apostilas do que a vocês, pelas vezes que saí deixando vocês na casa de parentes para não perder aula, pelas vezes que deixei você, Guilherme, em meio a uma crise alérgica pedindo com o olhar e com abraços para eu não sair e ver Gabriel assumir uma maturidade que não era sua, dizendo: Deixa mãe, eu cuido dele para você. Foi por vocês que fui à luta e foi por vocês que todo meu esforço valeu a pena. Amo vocês infinitamente.

AGRADECIMENTOS

Dedico as alegrias dessa vitória aos seletos que direta ou indiretamente fizeram parte desta minha conquista pelo carinho, compreensão e colaboração. A minha estimável professora e orientadora, Dra Luiza Helena Oliveira da Silva, por toda sua bondade, paciência e maestria com que me instruiu na elaboração desta pesquisa. Seu jeito humano e profissional me inspira, me motiva, fazendo-me admirá-la continuamente. A você minha sincera gratidão e meus incessantes aplausos.

A Universidade Federal do Tocantins-UFT, em especial aos professores do curso de licenciatura em Letras do *campus* Universitário de Araguaína, que proporcionaram condições favoráveis para a minha formação acadêmica.

A Assembleia de Deus (AD), nos nomes dos Pr. Josivam e família e Aldenor e família, que cuidaram de mim e minha família em oração durante esta trajetória.

Aos colegas de curso, com os quais convivi nesses anos, compartilhando experiências, aprendizados e também os sonhos. em especial os amigos: Evandro, Samara, Nathália e Juliana os quais me proporcionaram bons momentos e ajuda na qual me fortaleceram para chegar aqui. Conviver com vocês foi a melhor experiência da minha formação acadêmica.

A minha prima Dayse, que foi quem fez minha inscrição no vestibular, meu muito obrigada. Você é benção de Deus na minha vida.

Aos meus pais Valmirene B. dos Santos (In memoriam) e Elias Lopes dos Santos, meus melhores exemplos de fé, sempre presentes em meu coração e em meus pensamentos. Chegada a reta final da minha graduação me veio à memória um fato ocorrido na minha infância quando aquela garotinha do interior ia acompanhada de seus irmãos mais velhos para a escola. Trago na lembrança a fala da professora que disse para meu pai: “Aqui não temos a série adequada para seus filhos”. Vi meu pai, lavrador, largar tudo, o emprego e tudo o que sabia fazer para ir morar na cidade a fim de “dar estudo” para os filhos. Quanto tempo se passou até que esse dia chegasse! Aqui, eu reconheço com muita gratidão o que meus pais fizeram por mim e pelos meus 7 irmãos. Hoje eu não só tive acesso à escola como também à universidade e, além disso, com muito orgulho, eu sou PROFESSORA! A vocês minha eterna gratidão.

Aos meus irmãos, Elimar, Ednaldo, Eline, Elielton, Aline, Cleane e Cleiton que são um pedaço do meu coração e que compreenderam a minha ausência durante esse período. E aos meus sobrinhos, em especial ao Rafael Barros, por todos os momentos especiais que passamos juntos. Amo vocês.

Não chegamos a lugar nenhum sozinhos, não é mesmo? Com essa certeza quero externar minha gratidão aos meus cunhados: Haroldo, Terezinha e família por todo cuidado que tiveram comigo e principalmente com meus filhos, pelas inúmeras vezes que precisei deixá-los com vocês e em nenhuma delas me negaram ajuda. Vocês são parte dessa conquista.

A minha cunhada Márcia pelas incontáveis vezes que me deu suporte quanto aos meus filhos.

A minha sogra, Maria Rosa, que tão amorosamente nos cuidou, sendo nosso alicerce e porto seguro, por quem eu tenho muito amor e respeito pela pessoa incrível que é.

Ao professor, poeta e tema principal desta pesquisa, o querido Wallace Rodrigues, de quem sou fã e passei a admirar mais ainda por tudo que construiu enquanto profissional, como também pelo ser humano, professor e pai amoroso que é. Conhecer e estudar suas obras literárias me trouxe mais conhecimento, mais cultura e mais amor pelo meu Tocantins. Obrigada!

Rolar

*Rolou a pedra no rio.
Tocantins imenso e lindo
me beijou o rosto
e me molhou os pés.
Águas frias, quentes, mornas,
tudo leva do leito ao mar.*

Walace Rodrigues

RESUMO

O presente estudo analisa imagens do Tocantins que emergem da produção poética do escritor fluminense residente em Araguaína (Norte do Estado), Wallace Rodrigues. Com uma história emancipatória recente, observa-se no Tocantins uma tímida expressão literária tocantinense. Os autores que vivem na região são pouco lidos mesmo no Estado, as editoras nas quais publicam não têm grande projeção no mercado nacional, mas é possível reconhecer uma intensa produção regional que vai contribuindo para conformar um processo cultural. Nesse cenário, o trabalho de Rodrigues nos remete a uma compreensão sensível e poética do contexto geográfico e histórico do Estado do Tocantins, na medida em que privilegia como temática a paisagem, os sujeitos e a cultura do lugar, edificando um imaginário sobre o povo tocantinense e suas particularidades. São aqui analisados poemas que tematizam a região presentes em três obras, *Experimentos de ser e estar* (2018b), *Terra entre rios* (2014) e *Interiores* (2017). A pesquisa de natureza qualitativa e documental discorre sobre os desafios enfrentados pelos autores no Estado, sobretudo considerando a divulgação ainda precária da produção local. Tematiza ainda a urgência de pesquisas que sistematizem as características dessa produção emergente, trazendo dados sobre a poesia de Rodrigues traduzida em seis livros/e-books, publicados entre 2007 e 2018. Como subsídio teórico para análise, mobilizam-se os fundamentos teóricos da semiótica discursiva, compreendida como teoria da significação e cujos trabalhos privilegiam o texto literário. Na perspectiva da semiótica, os poemas foram analisados a partir dos processos de tematização e figurativização, considerando o modo como os textos produzem imagens do lugar, a partir de diferentes modos de concretização do sentido.

Palavras-chave: Literatura no Tocantins; poesia; semiótica discursiva.

ABSTRACT

This study analyzes images of Tocantins that emerge from the poetic production of the Rio de Janeiro resident writer, Wallace Rodrigues. With a recent emancipatory history, one can observe in Tocantins a timid Tocantinian literary expression. The authors who live in the region are poorly read even in the state, the publishers in which they publish have no major projection in the national market, but it is possible to recognize an intense regional production that contributes to shaping a cultural process. In this scenario, Rodrigues' work brings us to a sensitive and poetic understanding of the geographical and historical context of the State of Tocantins, as it privileges the landscape, the subjects and the culture of the place as its theme, building an imaginary about the Tocantins people. and its peculiarities. Poems that thematize the region present in three works, Experiments of Being and Being (2018b), Earth between Rivers (2014) and Interiors (2017), are analyzed here. The qualitative research discusses the challenges faced by the authors in the State, especially considering the still precarious dissemination of local production. It also thematizes the urgency of research that systematizes the characteristics of this emerging production, providing data on Rodrigues' poetry translated into six books / ebooks, published between 2007 and 2018. As theoretical support for analysis, the theoretical foundations of semiotics are mobilized. discursive, understood as theory of meaning and whose works favor the literary text. From the perspective of semiotics, the poems were analyzed from the thematization and figurativization processes, considering the way the texts produce images of the place, from different ways of meaning realization.

Keywords: Literature in Tocantins; poetry; discursive semiotics.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. LITERATURA NO TOCANTINS	15
3. UM POETA ENTRE RIOS	20
3.1 Uma breve apresentação do poeta	20
3.2 Produção literária	22
3.3 A seleção do <i>corpus</i>	23
4. O SENTIMENTO DE TOPOFILIA NA POESIA DE WALACE RODRIGUES	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38
ANEXOS	40

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre a poesia do artista plástico, professor e poeta Wallace Rodrigues, com destaque às produções que se encontram nos livros de poemas *Terra entre Rios* (RODRIGUES, 2014), no qual também emerge como ilustrador, *Interiores* (RODRIGUES, 2017) e *Experimentos de ser e estar* (2018). Como recorte, selecionamos desses livros os textos que mais de perto tematizam o Tocantins, visando analisar as figurativizações do lugar pelo poeta, na medida em que é recorrente a referência às paisagens do Estado. Nossa questão inicial é: que olhares o migrante espelha sobre a paisagem que encontra na terra que o recebe?

Como fundamentação teórica, mobilizamos categorias da literatura e, principalmente, da semiótica discursiva, com ênfase no processo que a teoria denomina como figurativização e que corresponde ao nível mais complexo de concretude do sentido, constituído a partir de diferentes patamares de complexificação e abstração (GREIMAS; COURTÉS, 1979; FIORIN, 2000; BARROS, 2005).

Rodrigues, que em 2011 ingressa como docente na Universidade Federal do Tocantins, é natural de Duque de Caxias (RJ), cidade em que, segundo o escritor, há uma grande colônia portuguesa e foi onde viveu na infância com sua família. De origem, portuguesa, herdou a nacionalidade de sua mãe. Posteriormente, adquiriria a nacionalidade holandesa.

Começou a escrever poesia ainda na adolescência, fase em que despertou para o gosto por produções poéticas. Comprava livros de poesias nos sebos do centro do Rio de Janeiro para ler durante o trajeto que fazia diariamente de casa até a escola: “Para não ficar olhando o povo no trem suburbano, eu lia muita poesia”¹.

O interesse de nossa pesquisa pela produção desse autor se inscreve num projeto maior que visa a produzir uma sistematização a respeito da produção literária de autores que nasceram e/ou vivem no Estado do Tocantins. Sem pretender defender uma perspectiva regionalista, buscamos compreender como se caracteriza a produção literária no Estado, as influências que atuam sobre os autores, os problemas que cercam a produção, a publicação e o consumo de autores da região. Trata-se ainda de atender a uma demanda da própria educação básica, que prevê seu ensino, sobretudo no Ensino Médio. No *Referencial Curricular* da rede pública estadual, essa produção se encontra como conteúdo, devendo o docente trabalhar com seus alunos a caracterização da produção literária tocantinense. Apesar dessa orientação que intenta dar lugar na escola à produção local, não encontramos ainda trabalhos que tenham

¹ Informações colhidas mediante entrevista que realizamos com o autor em 27 de abril de 2019.

produzido uma caracterização dessa produção, nem mesmo encontramos uma relação efetivamente atualizada de tudo o que se produz no Tocantins sob a denominação de literatura. Sem grande expressão no cenário nacional, romances, poemas e crônicas ficam restritos a um pequeno público devido a tiragens circunscritas ao local onde vive o (a) escritor(a). Desse modo, os autores são pouco conhecidos em outras regiões e mesmo no interior do Estado. As obras não têm grande circulação, em grande parte financiadas pelo próprio autor e com divulgação ainda bastante restrita, em função, inclusive da condição das editoras.

Algumas tentativas de organização de saberes sobre a literatura no Estado indica uma grande quantidade de obras e autores, mas estes ainda se acham pouco estudados na academia e, ainda, não há um esforço maior de organizar esses trabalhos, num panorama maior.

Conforme Deboni (2007), têm mais evidência os escritores que se agrupam nas academias de Letras. Em 2016, a Secretaria de Educação, Cultura e Esporte do Tocantins (SEDUC) organizou, inclusive, um volume para apresentação dos autores vinculados a essas agremiações, como forma de viabilizar saberes para os docentes e alunos da educação básica. Foram ali listadas as seguintes academias:

- Academia Tocantinense de Letras – ATL;
- Academia Palmense de Letras – APL;
- Academia Gurupiense de Letras – AGL;
- Academia de Letras de Araguacema – ALA;
- Academia Dianopolina de Letras – ADL;
- Academia de Letras de Araguaína e Norte Tocantinense – ACALANTO;
- Academia de Letras e Artes de Porto Nacional – ALAPORTO;
- Academia de Letras de Paraíso – ALP.

Conforme o documento, “falar sobre produção literária no Estado do Tocantins é fácil, uma vez que, possui uma gama de excelentes escritores que trabalham com maestria, transitando por todos os gêneros literários” (PALMAS, 2016, p. 6).

Se, de acordo com o documento da SEDUC, pode ser considerado fácil falar sobre a literatura do Tocantins em função do quantitativo das obras e autores, entendemos que é urgente um esforço de análise dessa produção. Nessa direção, nosso trabalho visa a contribuir para isso, elegendo um dos autores contemporâneos, residente no norte do Estado (Araguaína), que não é membro de academias, mas que conta até o momento com uma produção regular, que resultou na publicação de três livros impressos e dois *e-books* de poesia.

Definimos, portanto, como objetivo principal, analisar produções do poeta Wallace Rodrigues, visando identificar o modo como o Tocantins é nelas representado. Tendo migrado de outra região, vivido em diferentes cidades e países, elege a paisagem do Estado como uma temática frequente, sensível ao lugar em que ora habita. Que imagens do Tocantins essa produção apresenta?

Nosso trabalho está organizado em três partes. No primeiro, discorremos em linhas gerais sobre a literatura no Tocantins, evitando empregar o termo literatura tocantinense, pois, como expressa Cruz (2008, p. 10), “Se é verdade que não existe uma literatura independente em nenhum dos Estados brasileiros, há sem dúvida uma literatura brasileira manifestando-se de forma diferente em todas as unidades da federação”. No segundo, trazemos elementos sobre o autor escolhido e apresentações breves de suas produções poéticas. No terceiro, após discorrer sobre a figurativização na teoria semiótica, analisamos os poemas selecionados.

2 LITERATURA NO TOCANTINS

Neste trabalho, não empregamos o termo tocantinense para a literatura produzida no Estado, na medida em que não se trata de reiterar uma perspectiva regionalista. Segundo Candido, “não existe literatura paulista, gaúcha, pernambucana, há sem dúvida brasileira manifestando-se de modos diferentes nos diferentes estados” (CANDIDO, 2014, p. 147). A mesma compreensão é confirmada por Vicentini, para quem “até aqui, nada distingue a literatura regionalista das outras literaturas, porque toda narrativa, qualquer que seja, apresenta esse embasamento histórico, para a criação de mundos fictícios representados” (VICENTINI, 2007, p.188). Assim, falamos em literatura no Tocantins, abarcando diferentes aspectos que envolvem as especificidades da produção e circulação de autores que vivem e escrevem no lugar.

Assim, podemos contar com inúmeras possibilidades de criar e recriar partindo sempre de um espaço específico e pessoas que inspiram a produção poética, mas esta, por mais que se concentre em registrar o regional, deve ser entendida sem a adjetivação que a particularize. Convém considerar, contudo, as particularidades que podem caracterizar um cenário comum para essa produção literária, tendo em vista que ainda é pouco estudada, mas, sobretudo, pouco lida em outros Estados.

De acordo com Pontes (1981), para que exista é necessário que haja uma aglomeração humana, que resultará em produtores e consumidores de literatura. Ressalta-se, nesse sentido, que o Tocantins é Estado ainda em formação, com muitas cidades ainda com poucos milhares de habitantes.

Literatura é fenômeno de aglomeração humana, de convivências, em que se chocam as tradições com as contradições de modo que é necessário, antes de tudo, para apreciar a história literária de uma região, pesquisar a formação de seus primeiros núcleos populacionais, urbanos ou rurais. (PONTES,1981, p. 21)

Considerando que o Tocantins surge a partir da divisão do antigo Estado de Goiás, Deboni inicia suas reflexões sobre a produção literária do Tocantins a partir de uma primeira distinção. Se poderia ser esperada uma continuidade, capaz de remeter a elementos da literatura que se produzia em toda a região até a emancipação política, isso não se dá, na medida em que se identifica um empreendimento por caracterizar a diferença, como se os escritores encampassem um projeto de consolidação de uma identidade capaz de marcar a distinção entre goianos e tocantinenses:

com o surgimento do Tocantins, o desejo de se criar uma literatura que venha caracterizá-lo, particularizá-lo, singularizá-lo, no esforço da produção de uma literatura “tocantinense”, caracterizando um esforço distinto diante de outras manifestações artísticas, que buscam a inserção nas linguagens contemporâneas e do que se faz em outros centros de prestígio cultural. (DEBONI, 2011, p. 14)

O jovem estado procura se firmar quanto a sua identidade, sua memória e sua cultura. Se, de um lado, encontramos presentes um conjunto de práticas culturais que mostram um contínuo que nubla as fronteiras com a região Centro-Oeste e outros estados do Norte e Nordeste, por outro, há uma incessante busca por caracterizar a singularidade das práticas tocantinenses. Essa tensão vai sendo registrada na literatura. Conforme Sanches (2008), em *Serra dos Pilões*, de Moura Lima, por exemplo, registra-se o misticismo advindo da cultura afrodescendente, trazida pelos migrantes nordestinos que se destinaram ao Tocantins:

Os homens ficam assombrados toda vez que se realiza aquela cerimonia do outro mundo. Geralmente ocorrem fenômenos estranhos, como ventania, galhos quebrando, gargalhadas tenebrosas saindo não se sabe de onde, se de cupinzeiros ou de lugares distantes, das profundezas da terra. (MOURA LIMA, 1995, p. 19)

Na poesia de Célio Pedreira, autor que reside na cidade tocantinense de Porto Nacional, evoca-se a religiosidade do povo tocantinense. Em seu poema de dez cantos intitulado “Catedral”, faz homenagem aos cem anos da Catedral *Nossa Senhora das Mercês*, de Porto Nacional:

Quantas poucas mãos erguem sonhos
de tantos
que rezam
benditos
santos caboclos
santos taperas
sacerdote do ermo
covoando
uma senhora feita nossa
custódia
perpétua
das dores
das graças
aparecida
das mercês. (PEDREIRA, 2003 p. 17-18)

Nesse poema de Pedreira, a religiosidade de matriz cristã é reconfigurada pela adoração dos caboclos, residentes nas taperas, gente da terra que conferiria um novo modo de cultuar a santa, com suas múltiplas denominações (adjetivos). No povo caboclo, mestiço, estaria a matriz da gente tocantinense.

Para Deboni, esse apreço pela particularização das práticas culturais atende a um propósito bem definido, que ela denomina como “manipulação”, termo que, sob a perspectiva da semiótica discursiva pode ser compreendido sob a perspectiva da persuasão, como exercício de um *fazer crer* que visa a culminar num *fazer fazer*.

Assim, há uma certa manipulação das práticas cultas no Tocantins com vista a dotá-lo de uma identidade que lhe pareça característica. Desse modo, ao contrário de algumas das manifestações populares, não há referência à literatura produzida em Goiás: o que há é a necessidade em se destacar a existência de obras literárias criadas no Estado por um grupo de escritores que nele reside. (DEBONI, 2011, p. 18)

Nessa direção, há uma intenção política que se soma à intenção poética, ao menos por parte dos autores que ganham maior prestígio na região, não necessariamente pela atestada qualidade de seus trabalhos, mas em alguns casos pelo prestígio social e político de que gozam esses autores. Do mesmo modo, estar nas academias confere status a alguns, legitima junto aos pares a condição de escritor, mas as edições das obras precariamente circulam em função das editoras pouco expressivas no mercado nacional, número reduzido de volumes publicados (na maioria das vezes sob as custas do próprio autor), ausência de estratégias midiáticas de divulgação. Faltam editais públicos de apoio à literatura e algumas boas experiências advêm da ação da Editora da Universidade Federal do Tocantins (EDUFT) que, em seus editais, destina apoio financeiro para as publicações literárias em prosa e poesia, o que garantiu a Wallace Rodrigues, por exemplo, publicar alguns de seus livros, *Interiores*, *Terra entre rios*, *Experimentos de ser e de estar* (Cf. <https://ww2.uft.edu.br/index.php/eduft/catalogo/obras-literarias>).

Na perspectiva do discurso oficial, a emancipação política do Tocantins atendeu a reivindicações dos moradores da região que não se sentiam contemplados com a gestão goiana. Um dos principais atores nesse processo é Siqueira Campos que, em tribunas da Assembleia Nacional Constituinte e na Câmara dos Deputados, promoveu potentes discursos em defesa da criação do Estado.

Conforme Rodrigues (2008), Siqueira Campos toma para si a paternidade do Tocantins, construindo a si mesmo como uma espécie de líder religioso frente ao que seria o paraíso, a terra prometida. Nessa direção, analisa o atravessamento do político pelo religioso, na edificação de um discurso fundador:

Partindo das perspectivas criacionista, messiânica e milenarista, Siqueira Campos reveste-se de uma aura mitológica e busca a legitimação de seu discurso fundador em Joaquim Theotônio Segurado, colocando-se como um ser predestinado a levar adiante, até o fim, uma luta iniciada no século XIX.

Assim, Siqueira Campos incorpora a mitologia do Moisés bíblico que guia “seu povo” à “Terra Prometida” e torna-se o “pai fundador”, o grande Messias, de uma unidade da federação repleta de “altiva gente morena” (RODRIGUES, 2008, p. 51)

Ainda de acordo com Rodrigues (2008), os discursos siqueiristas não encontravam correspondência com a representação feita pelos jornais na época:

Uma reportagem do jornal “O Estado de São Paulo” publicada em 1.º de novembro de 1988 retrata bem esse espaço de representação tocantinense. Destacando o estado como “um estado rural pobre, à beira do caos social”, a repórter Rosângela Bittar traçou um perfil da nova unidade da federação bem diferente do que foi enaltecido em outros discursos. [...] Mas as representações de um estado caótico não param por aí. A repórter menciona que “a industrialização do Tocantins é zero”, com a presença de uma especulação desenfreada. Ela menciona o monopólio do transporte rodoviário de passageiros, na época exercido pela empresa Transbrasiliana, a existência de apenas três vôos semanais da Varig para o município de Araguaína (TO), ao norte do estado, e sua baixa contribuição com o Imposto de Circulação de Mercadorias (ICM) na época em que a região pertencia ao Estado de Goiás, girando em torno dos 7%. (RODRIGUES, 2008, p. 114-115)

Na reportagem, o olhar da jornalista sobre a região é profundamente disfórico. Ela acentua a privação, a pobreza, o abandono. Do ponto de vista social, essa realidade justifica a necessidade de autonomia política, mas, ao mesmo tempo, se faz antagônica ao olhar aparentemente idealista de Siqueira.

Nesse cenário de embates entre discursos, a literatura vai desempenhar o papel de consolidação de um imaginário sobre o lugar. Os autores que ganharão mais prestígio nesse momento fundacional serão aqueles que mais de perto atendem aos interesses políticos do Estado, confirmando uma dada orientação de sentido:

Nessa linha de interpretação, podemos afirmar que era necessário apresentar aos tocantinenses elementos identitários que o diferenciasssem do goiano, como um dos caminhos para se alcançar o apoio popular a esta questão. A invenção de símbolos e representações como a bandeira, o hino, a poesia e literatura tocantinenses¹⁰, entre outros, foram fundamentais nesse processo. (RODRIGUES, 2008, p. 38)

A paisagem do cerrado é então sobrevalorizada, assim como a beleza e a exuberância dos rios que definem as fronteiras do Estado: Tocantins e Araguaia, conforme se pode ver no mapa a seguir (Fig. 1).

Fig. 1 Mapa do Tocantins



Fonte: <http://www.encontratocantins.com.br/mapas/mapa-cidades-do-tocantins.htm> (Acesso em 03 set. 2019).

Ao Norte, as águas se encontram na região conhecida como Bico do Papagaio, em função da semelhança com o desenho da ave. Nas palavras de Wallace Rodrigues, o Tocantins é, então, uma “terra entre rios”. Serão esses rios e a terra que englobam os principais temas que atravessam a poesia desse escritor.

3 UM POETA ENTRE RIOS

3.1 Uma breve apresentação do poeta

*E quis tê-lo perto,
Amá-lo como filho meu.
Trago-o nas entranhas de minha alma.*
Wallace Rodrigues

Por meio de uma entrevista respondida via e-mail, em 27/04/2019, com 11 perguntas, o poeta nos falou sobre sua formação acadêmica, suas memórias de infância em Portugal, sobre as razões de sua vinda para o Tocantins, sua vinda para cá.

Com formação na área das artes visuais, suas pesquisas são voltadas para o estudo das mais diferentes formas de linguagem, principalmente as linguagens imagéticas, conforme nos relata: “Talvez por isso eu goste tanto de poesia, pois é dito que poesia é a literatura das imagens, que nos leva a imaginar cenas”.

Rodrigues nos declara que sua formação acadêmica influenciou diretamente em sua vinda para a região, fazendo-o migrar em 2011 para este Estado com a finalidade de trabalhar na Universidade Federal do Tocantins (UFT), no *campus* de Tocantinópolis, onde residiu por um ano e meio. Por razões particulares, solicitou sua remoção para o campus de Araguaína, onde atua no Curso de Letras e em dois programas de pós-graduação.

Filho e neto de portugueses trazem Portugal em suas memórias familiares, como as lembranças dos caldos que sua avó cozinhava quando ele era criança: “Eu acho que a memória atrai, a memória une, a memória cria laços que não podem ser quebrados”.

O autor ressalta seu contato com o rio Tocantins já nos primeiros anos de sua chegada, em Tocantinópolis, seu primeiro endereço. A cidade é banhada pelo rio. Por sua grandeza, beleza e riqueza, o rio parece ser convidativo também para os poetas que, como Rodrigues, tem o toma como inspiração para sua poesia, dedicando a ele um poema que ganha seu nome: “Vivo aqui por causa deste rio/ que me enche de poesias...” (RODRIGUES, 2014, p. 47).

O autor conhece muitos lugares, povos, culturas do mundo afora, o que fica bem nítido no título que dá a um de seus livros, *Alma viajante*. No poema *Milhas*, o poeta brinca com as milhagens adquiridas nas viagens e o que os encontros produzem de acumulação sobre o mundo, ao mesmo tempo em que se apresenta ironicamente como uma espécie de mula, de andarilho:

Milhas
Acumulo
acumulas
Mulas andarilhas
Milhas
Acumulas
As mulas
Acumulam
mulo
tolo
acumulo ulo
acumulas
ulas
las
me acumulas. (RODRIGUES, 2013, p. 31)

Esse viajante, permanece há alguns anos no Tocantins, justificando sua parada: “Eu acabei gostando muito do cerrado e dos animais desse cerrado. Esse sol e céu me inspiram muito”.

Aos quarenta anos, começou a sonhar com a paternidade, surgindo assim, o poema *Moleque imaginário*: “Hoje é sonho realizado! Sou pai de um menino de 2 anos e meio”. No poema, o enunciador se apresenta “apegado” a um menino novo, então apenas antecipado como num sonho, a quem amaria como filho. Os versos anteveem a conquista da paternidade pouco depois.

[...]
Estava, pois, escrito nos céus:
teu filho vem das entranhas da terra,
de uma mãe que não conheceu,
mas será tua redenção.
Assim foi a adoção deste moleque
imaginário. (RODRIGUES, 2014, p. 81).

O autor ainda nos fala sobre o poder da escrita, nas inúmeras formas de tornar externo seus sentimentos: “Escrever é sempre um exercício de autoconhecimento”.

Walace Rodrigues é artista plástico, poeta, arte-educador. É coordenador do Curso de Licenciatura em Pedagogia na modalidade do PARFOR no *Campus* de Araguaína. Possui graduação em Educação Artística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ, 1999). Possui Especialização Lato Sensu em Educação Infantil pelo Centro Universitário Barão de Mauá (2012), Mestrado em Estudos Latinos, Americanos e Ameríndios pela Universiteit Leiden (Holanda – 2009- Mphil / MA Reserch and American and Amerindian Studies, Mestrado em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universiteit Leiden (Holanda –

2007 – M.A in Art History: Modern and Contemporary Arts) e Doutorado em Humanidades pela Universiteit Leiden (Holanda – 2015).

Tem experiência nas áreas de Artes Visuais, Educação Artística e Antropologia da Arte, desenvolvendo pesquisas nos seguintes temas: arte contemporânea, arte indígena, performance, poesia, arte-educação, pós-colonialismo nas artes visuais e análise de representações dadas por museus. É professor da especialização em Arte-educação e dos programas de Pós-graduação Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDIRE) e Letras (PPGL), na UFT.

3.2 Produção literária

Rodrigues publicou, entre 2007 e 2018, seis livros de poesia, *Tempos e coisas* (e-book, 2018), *Experimentos de ser e estar* (e-book, 2018b), *Interiores* (2017), *Terra entre rios* (2014), *Alma viajante* (2013), *Postcolonial poems* (2007).

Postcolonial poems, lançado em língua Inglesa e Espanhola é seu primeiro e-book. Não tivemos acesso a essa produção do poeta. Trata-se de um e-book de edição internacional, disponibilizado para aquisição na página www.lulu.com. Na *homepage* da editora, encontramos a seguinte descrição: “Este é um pequeno livro com poemas baseados na teoria pós-colonial. Têm como objetivo levar o leitor a refletir sobre gênero, escravidão, racismo, colonialismo e outros tópicos relativos ao pós-colonialismo. O livro apresenta poemas em inglês e um em espanhol”².

Alma viajante é seu primeiro livro de poemas impresso. Trata-se de uma obra sessenta e quatro poemas organizada em seis partes, com poemas em português e inglês: *Metalinguagem*, *Coisas do mundo e seus lugares*, *Trava-língua*, *Escravidão (Strange fruit)*, *Panis et circenses*, *Apaixonado*.

Interiores traz setenta e oito poemas que se organizam em sete partes, todas elas recebendo um título no gerúndio, indicando o movimento. Esses verbos, com exceção de *Intuindo* e *Emocionando*, são criações neológicas: *Lugariando*, *Palavreando*, *Artistando*, *Temporiando*, *Tocantinando*.

É constante a referência a autores e artistas que o inspiram, como Carlos Drummond de Andrade, Fernando Pessoa, Ferreira Gullar, Manuel Bandeira, Cora Coralina, Ariano Suassuna,

² Trata-se de tradução livre para o texto: “This is a short book with some poems based on postcolonial theory. They intend to make the reader to think about gender, slavery, racism, colonialism, and other topics related to postcolonialism. This book has poems in English and one in Spanish”. Disponível em: <http://www.lulu.com/shop/walace-rodrigues/postcolonial-poems/paperback/product-2828964.html>. Acesso em 17 mai. 2019.

Clarice Lispector, Tomás Antônio Gonzaga, Elza Soares. Na sétima e última parte do livro, a “memória” ganha destaque mais uma vez, como em toda esta obra. “É tempo de recordar a Holanda do esposo amado, ou o Portugal da avó saudosa”.

Terra entre rios traz setenta e sete poemas com oito subtítulos, evidenciando mais uma vez seu gosto pelo emprego do gerúndio: *Artistando, Tocantinense, Afetação, Temporal, Lugares da poesia, Profetizando, Lembranças de menino, Morrendo*. Já no início, o autor dedica o livro a todos os tocantinenses: “Gente forte, gente de ribeirão, meio goiana, meio mineira, meio nordestina, meio amazônica, mas inteira na alma” (RODRIGUES, 2014, p. 7).

Experimentos de ser e de estar tem oitenta e seis páginas produzidos entre os anos de 2015 e 2016. Diferentemente dos que o precederam, os poemas não estão agrupados em seções, conforme explica o poeta em seu *Prefácio*:

[...]
Nesses poemas há uma certa madurez, um certo tato e um certo descaso.
Eles foram agrupados como vieram ao mundo. Sua ordem é a de nascimento, de iluminação.
O agrupamento destes poemas responde, portanto, a um emaranhado de momentos cronológicos.
Não houve nenhum interesse em agrupá-los por temática, já que seus tempos são os tempos do nascer, os tempos do despertar para a luz. (RODRIGUES, 2018, p. 8).

Gonçalves, no prefácio de *Terra entre rios*, diante da reiterada presença dos rios nos poemas de Rodrigues, analisa: “A metáfora do rio que corre, da água que jorra é adequada para esse processo de uma vida que se renova, vivida agora com uma visada tocantinense. O próprio e o alheio se misturam numa dinâmica que, mais do que comentada, merece ser lida” (GONÇALVES in RODRIGUES, 2014, p. 19).

3.3 A seleção do corpus

Rodrigues publica a maioria de seus livros após chegar ao Tocantins, como um migrante que vem para o Norte do país atuar como professor de ensino superior. Talvez por isso, essa terra que o acolhe é presença constante na sua poesia, a exaltar o que identifica como singularidade frente a suas experiências de cidadão do mundo.

Nesse sentido, selecionamos alguns dos poemas em que Rodrigues explicitamente cita o Tocantins (como rio, como Estado), para, em seguida, analisar as imagens que produz sobre o lugar, sobre a paisagem, sobre sua gente. Do e-book *Experimentos de ser e estar*,

selecionamos *Anjos, Passarinhos, Do Tocantins*; de *Terra entre rios*, analisaremos os poemas *Terra entre rios, Tocantinense, Rio Tocantins, Nosso lugar, Tocantins, Terra vermelha*; de *Interiores*, selecionamos o poema *Entre o Araguaia e o Tocantins*.

4 O SENTIMENTO DE TOPOFILIA NA POESIA DE WALACE RODRIGUES

Selecionamos os poemas de Rodrigues que expressam diretamente sua relação com o estado do Tocantins, na medida em que se trata de uma recorrência que atravessa sua produção desde que chegou à região. Nesses poemas, sobressai um enunciador de primeira pessoa (“dentro de mim”; “tenho pena”), configurando o que em semiótica discursiva se denomina como debreagem actancial enunciativa. Esse enunciador trata da relação do eu com essa espacialidade, configurada como paisagem que não cessa de impressionar-lhe os sentidos. Por esse processo de instauração de um eu que remete à instância da enunciação – compreendida como instância de um *eu, aqui, agora* (FIORIN, 1996), vemos o eu-lírico descrever sob a perspectiva da subjetividade os afetos que nutre pelo lugar. Um exemplo encontramos no poema *Anjos*, de *Experimentos de ser e estar*.

ANJOS

Nesse sol quente
do Tocantins,
nessa lua grande
do cerrado,
nesse peito aberto
dentro de mim,
mora um anjo inocente.
ele não tem asas,
mas palavras
e escritas.
ele brinca com sons
e imagina leituras.
Anjo bom,
anjo mau,
anjo de amanheceres frios
e noites quentes.
Tenho pena dos vazios. (RODRIGUES, 2018, p. 21).

Neste poema, podemos observar o uso da metáfora, pela qual o autor estabelece uma comparação de si com um ser celestial usando as palavras de modo com que o poema seja leve como o gosto por se expressar também por meio da palavra escrita. Independente de se fazer dia ou noite, no Tocantins de sol quente, de noite de luar, de amanheceres frios, de noites quentes, o poeta ali se faz inocente, se faz bom, mas também se faz mal, fazendo-se anjo de dupla face.

O Tocantins é então caracterizado pelo emprego de uma adjetivação que diz respeito aos excessos sobre o corpo, remetendo à dimensão sensorial da vivência no sertão: “sol quente”,

“lua grande do cerrado”. É também lugar em que o sujeito se defronta com experiências sensoriais extremas e antagônicas: “amanheceres frios”, “noites quentes”. No poema em questão, a escrita parece traduzir essa convivência harmoniosa entre opostos, na figura dos dois anjos que coabitam o corpo do eu inocente, anterior à dicotomia entre bem e mal, que o levam à produção poética: “brinca com sons / e imagina leituras”. Esse anjo de dupla face também parece apontar para uma práxis descomprometida como projeto literário: é brinquedo, imaginação, elementos que remetem à infância, anterior ao pecado, à cisão que instala o bem e o mal como elementos que exercem coerções sobre o sujeito. O espaço experienciado é também lugar de encontro com a solidão, “Tenho pena dos vazios”, no estranhamento com essa paisagem coberta por árvores baixas do cerrado e ainda pouco ocupada por cidades.

Nessa primeira exposição, valemo-nos de algumas das categorias preciosas para os estudos do espaço advindas da Geografia: paisagem e lugar. Pensamos, nessa direção, que uma reflexão sobre essas duas categorias podem ser rentáveis em termos de compreensão não apenas da produção de Rodrigues, como também de outros autores que produzem no Tocantins, dada a insistência da figurativização do lugar, tema que se repete em diferentes produções em prosa e poesia. Considerando a condição de migrante, acrescentamos ainda as reflexões em torno das noções de territorialização/desterritorialização/reterritorialização e topofilia, convergindo aqui para uma discussão interdisciplinar em semiótica do espaço (LANDOWSKI, 2015; SILVA, 2017). Orientados por Landowski, a semiótica do espaço aqui professada se direciona no sentido de buscar “dar conta da diversidade dos modos de apreensão do espaço no plano da experiência vivida” (LANDOWSKI, 2015, p. 10), considerando a dimensão sensível que se estabelece na interação entre sujeito e espaço. O que nos interessa é o espaço sentido e vivido pelo enunciador, pelo modo como reitera em suas descrições frente a seus estados passionais.

Falar da paisagem, desse lugar que o acolhe, é um jeito de falar de si. Em *Passarinhos*, isso também se faz presente.

PASSARINHOS

Eu passarinho?
Não, passarinhos!
Estridentes,
coloridos
e vibrantes
os passarinhos
no sol quente
do Tocantins. (RODRIGUNES, 2018, p. 37)

Os poemas *Anjos* e *Passarinhos* se conectam quando falam do clima predominante no estado, registrado nessas poesias como “sol quente”. Ambos evidenciam a natureza e a percepção do enunciador quanto a sua beleza.

Nesse segundo poema, há uma explícita relação de ordem intertextual com o poema de Mário Quintana:

Poeminho do contra

Todos esses que aí estão
Atravancando o meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho! (QUINTANA, 2006, p. 107)

Como Quintana, há uma dupla direção para a leitura do vocábulo “passarinho”: como verbo e como substantivo/adjetivo. Rodrigues prefere o plural, o que traduziria tanto a pluralidade das aves no Tocantins “coloridos/ e vibrantes” quanto o modo como esse “eu” que emerge dos poemas se faz múltiplo, plural.

DO TOCANTINS

Do meu Tocantins imenso
nascem rios que deságuam no velho Chico.
Contribuímos para a beleza,
damos mais vida à natureza,
deste rio de nós todos,
irmão maior do Tocantins,
primo mais velho do Araguaia.
Estamos aqui e estamos lá.
Entre águas e verdes,
somos primos e irmãos.
Terras cortadas de sempre
pelas águas colossais. (RODRIGUES, 2018, p. 55)

A primeira coisa que podemos perceber é a tríade mencionada por Rodrigues quando fala dos rios São Francisco (Velho Chico), Tocantins e Araguaia. Em estrofe única, ele enfatiza a grandeza e importância da união desses rios para a vida, estabelecendo uma espécie de irmandade pelas conexões e trânsito de suas águas. Por esse movimento, é possível estar em diferentes lugares: “Estamos aqui e estamos lá”. O emprego da primeira pessoa do plural nesse verso traduz o efeito de identificação com o rio, como se o sujeito se transformasse também em rio, seguindo com suas águas a outros lugares. Rodrigues desfaz, com isso, a dicotomia de

Canção do Exílio, de Gonçalves Dias, que contrapõe os lugares (aqui/lá) e os estados passionais que movem o enunciador.

Vemos ainda que Rodrigues faz eco à figurativização eufórica do estado trazida pelo Hino do Tocantins: “Teus rios, tuas matas, tua imensidão / teu belo Araguaia lembra o paraíso”. Ao cantar os rios e suas “águas colossais” assume o pertencimento ao lugar, sua orientação topofílica, falando como quem já se sente tocantinense. Pensamos, nesse caso, que se trata de uma intertextualidade, quando “sob um texto ressoa outro texto ou outro discurso; sob a voz de um enunciador, a de outro” (FIORIN, 1994, p.34).

Figura 1. Capa do e-book *Experimentos de ser e de estar*



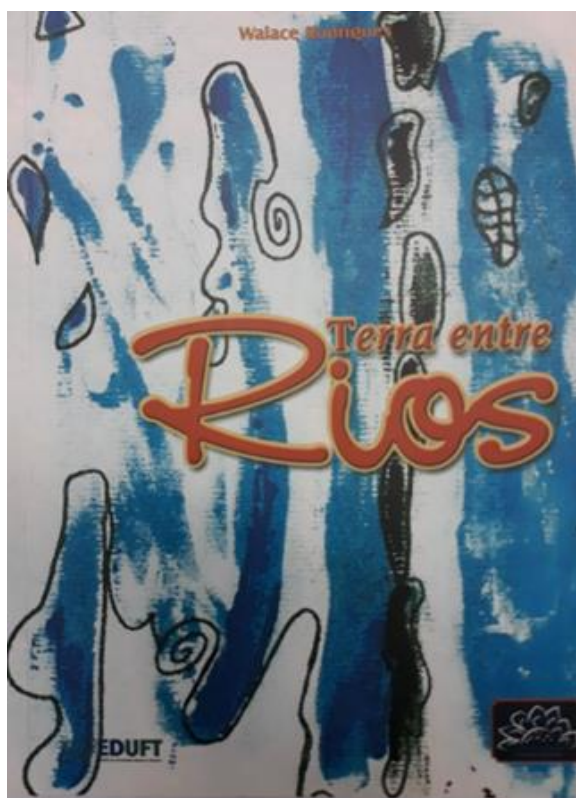
FONTE: Print da capa do e-book de Rodrigues (2018).

Esse elogio aos rios do Tocantins se faz ainda mais evidente em *Terra entre rios* (RODRIGUES, 2014). O título da obra nos remete ao desenho da capa e às ilustrações realizadas pelo próprio poeta para o livro. Palavras e imagens então se misturam, formando uma unidade. Encontramos nesse texto o trabalho refinado do artista plástico, que mergulha em busca do desnudamento de formas, aliadas à densidade das cores em tons azuis que se misturam ao fundo branco e traçados curvilíneos em preto. Esse conjunto traz intensidade e leveza para figurativizar o que seriam as águas do rio Tocantins (Fig. 2). Observando o tom escuro em azuis traçados sob a mão do artista lemos a profundidade das águas. As linhas se mostram ora

abertas, ora fechadas, figurativizando o movimento das águas, que levam consigo folhas e troncos. Podemos pensar ainda em palavras entre rios, em poemas produzidos por quem se encontra no espaço intersticial entre Araguaia e Tocantins. Levando em consideração que um objeto semiótico é sempre resultante de um olhar que o constrói no esforço de dar sentido ao sensível, a capa da obra de Rodrigues possibilita muitas leituras na medida em que ler não é

um exercício óptico, e sim um processo que envolve olhos a mente e os olhos, um processo de abstração, ou melhor, é extrair o concreto de operações abstratas, como identificar sinais característicos, reduzir tudo que vemos a elementos mínimos, reuni-los em segmentos significativos, descobrir ao nosso redor regularidades, diferenças, repetições, exceções, substituições, redundância. (CALVINO, 1996, p. 145).

Figura 2. Foto da capa de *Terra entre rios*



FONTE: Foto de Veloso, 2019.

O título do livro é também o de um dos poemas e se desenha na capa em tom vermelho, que remete às águas no período das cheias:

Terra entre rios

Mergulhar num rio de terra vermelha.
Chuva forte, rio cheio.
Durmo em rede e penso nós.
Ararinhas sobrevoam minha vida.
Meu coração se encontra aqui e lá.
Lua, noite, estrelas e mais estrelas.
Céu aberto e cantos longínquos de indígenas.
Nesta terra entre rios encontrei minha alma. (RODRIGUES,
2014, p. 48).

Em oito versos, o enunciador usa de uma sensibilidade na descrição minuciosa do seu íntimo, do seu desejo mais aflorado, mergulhando metaforicamente em seus pensamentos. Dormir em rede, tal como alude o poeta, é uma prática comum na região Norte, adquirida dos hábitos indígenas. Rodrigues viveu em Tocantinópolis, que nasceu em terras da cultura apinajé. A região passou a ser alvo de interesse de bandeirantes a partir de 1818, a partir do pretexto de conversão dos indígenas. Colonos se veem seduzidos por sua ocupação em função de terem descoberto suas terras férteis, boas pastagens, madeiras para construção e babaquais. Com a denominação Boa Vista do Tocantins, a localidade ganha estatuto de cidade em 1858. Em 1943, recebe o nome atual de Tocantinópolis (cidade do rio Tocantins). Fotos do rio aparecem ainda nas capas de *Interiores* (Fig. 3) e *Alma viajante* (Fig. 4). No poema, o enunciador, deitado em sua rede, observa o “céu aberto” e escuta “cantos longínquos de indígenas”, aqueles que foram expulsos para as margens da cidade.

Esse enunciador se encanta ainda com as araras, que cortam a paisagem dos céus tocantinenses e que, por extensão, sobrevoam sua vida: “Ararinhas sobrevoam minha vida”. O emprego do diminutivo serve ainda para conferir efeito de afeto com relação a essas aves.

Culmina esse apego ao lugar com uma declaração final, de grande intensidade: “Nesta terra entre rios encontrei minha alma” e que atesta a efetiva entrega do enunciador ao lugar.

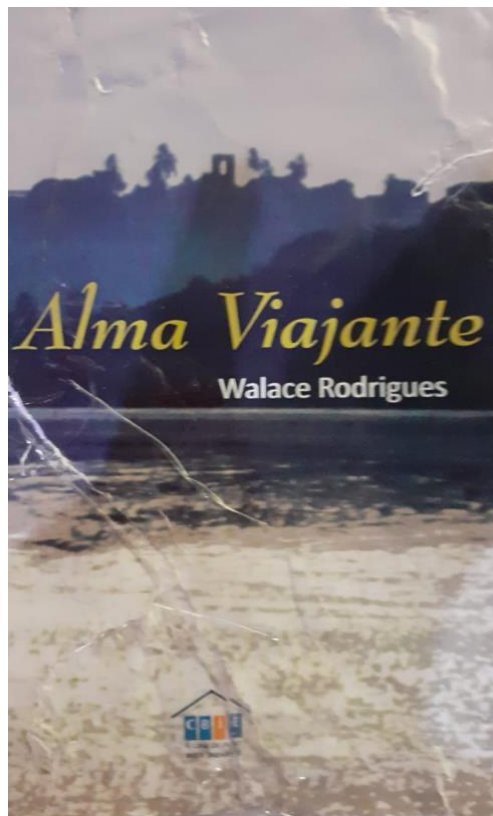
O modo como o rio Tocantins o sensibiliza se registra nas imagens em desenho e palavra. Em *Terra entre Rios*, encontramos novamente uma ode ao rio.

Figura 3. Capa de Interiores (RODRIGUES, 2017)



FONTE: Foto de Veloso, 2019.

Figura 4. Capa de Alma viajante (RODRIGUES, 2013).



FONTE: Foto de Veloso, 2019.

Rio Tocantins

Nas bordas dessas águas densas
Encontrei onde habitar.
Tocantins velho de guerra!
Rio claro que vai pro mar.
Onde será que passará?
Somente os mapas não mostram
sua grandeza
Hoje assoreado, maltratado e forte
ainda mostra sua lindeza.
Vivo aqui por causa deste rio
Que me enche de poesias...
(RODRIGUES, 2014, p. 47).

Esta poesia mais uma vez enfatiza os Tocantins como objeto de inspiração de Rodrigues e que serviu também para inspirar o próprio nome do estado. Há um olhar específico sobre as belezas desse majestoso rio, que faz fronteiras entre esse estado com outros e que é determinante para a decisão do enunciador quanto a uma parada na sua trajetória migrante: “Encontrei onde habitar”; “Vivo aqui por causa deste rio”. Para o poeta, o registro cartográfico não dá conta daquilo que seu corpo sente, sem registrar a tensão do movimento das “águas densas”. Ao mesmo tempo, o poeta se preocupa com o destino que terá o rio em função do assoreamento. É o rio que determina sua parada, mas também é ele o motivo de sua produção poética: “Que me enche de poesias”.

Novamente encontramos outra referência explícita o lugar em “Tocantinense”, como se agora o enunciador já atribuísse a si o adjetivo pátrio.

Tocantinense

Verdes cerrados e céus cheios de estrelas
no Tocantins chegam pra se deitar.
Noites de luas belíssimas e
ararinhas cantantes,
nos morros de amor e de amar.

Rios violentamente fortes
me levam para outro lugar.
Canta as lavadeiras de sempre...
Busco a ti nessa imensa flora e fauna,
Busco o amor como o rio busca o mar
(RODRIGUES, 2014, p. 46).

Neste poema, a alma do poeta toma um voo apaixonado por seu objeto de inspiração, que o fez criar raízes neste estado e assim não conseguiu mais partir. As belezas naturais do cerrado por ele observadas são descritas mediante uma figurativização sensivelmente comprometida, evidenciada pela adjetivação e uso de advérbios que intensificam a qualificação do lugar: “luas belíssimas”, “Rios violentamente fortes”, “imensa fauna e flora”. Assim, as noites seriam únicas, com as estrelas vindo se deitar no Tocantins. De novo encontramos a referências às “ararinhas”, mas, diferentemente dos outros poemas, há mais que paisagem: entram em cena as lavadeiras, que se dedicam ao trabalho nas margens do rio enquanto cantam. Araras e mulheres então se misturam na sonoridade do lugar. Como vemos até aqui, é quase sempre um “eu” solitário em conjunção com a natureza que se figurativiza nos poemas, sem alusão a outros sujeitos. As mulheres, assim, são uma exceção, possivelmente porque parecem estar nessa paisagem “desde sempre”.

O rio que o faz permanecer, estabilizar-se num lugar, também aponta para o movimento e para uma busca: “Busco o amor como o rio busca o mar”.

No poema “Nosso lugar”, o poeta brinca com a aliteração, decompondo o adjetivo “tocantino” e repetindo as partes decompostas, que remetem a outras: toco, tino, tocos, tinas, tocas. Poema curto, de versos curtos, essa reiteração sonora vai produzindo o ritmo do batuque, que se conclui com um verbo no imperativo: “tocantinemos”, como quem convida a todos para uma dança.

NOSSO LUGAR

Toco,
tino,
tocas in tinos.
Toco, toco, toco.
Me tocas.
Trago tocos
e tu tinas.
Tocantinemos.
(RODRIGUES, 2014, p. 51)

TOCANTINS

Magoadamente sereno,
vi o dia clarear,
o sol se levantar,
o galo cantar,
ararinhas me cumprimentarem,
o calor me abrasar,
o verde me iluminar,

a lua se levantar,
as estrelas se mostrarem nuas,
o povo a se afeiçoar
desta terra crua e vermelha
que escolhi para ser meu lar.
(RODRIGUES, 2014, p. 55).

De novo, o poeta declara em “Tocantins” ter eleito o estado para ser seu lar. Nos versos, ele narra a sucessão dos acontecimentos que marcam seu dia, iniciado de modo triste, mas sereno. O emprego do pronome oblíquo “me” remete à interação entre o poeta e elementos da paisagem: “o calor me abrasar”, “o verde me iluminar”, “as ararinhas me cumprimentarem”. O corpo não é nunca indiferente às transformações do dia, agindo ainda sobre seu estado passional. Nos primeiros versos, o poeta se apresenta como observador. A partir da referência às “ararinhas”, sai da condição de observador distante e se envolve sensivelmente com o ritmo do dia.

O estado de mágoa comparece também no poema “Céu”. As razões, porém, aqui são enunciadas: são os “amores de ontem”. A natureza do lugar se mostra refúgio para apaziguar o coração. O enunciador procura sair de si, na entrega à visão das estrelas, multiplicadas na repetição: “Estrelas e estrelas e estrelas a estrelar”. São elas ainda “como vagalume”, em movimento na noite. Aqui (terra) e lá (céu) não se distinguem como morada do poeta.

CÉU

Magoadamente ferido de amores de ontem,
sentei e fui olhar o céu do Tocantins.
Estrelas e estrelas e estrelas a estrelar.
Infinitamente brilhantes como luz do sol batendo no mar.
Estrelas e estrelas e estrelas a estrelar.
Piscam como vagalume
Sempre a se movimentar.
Luas, noites, céus abertos e límpidos.
Moro aqui e moro lá.
(RODRIGUES, 2017, p. 74).

Já o poema “Luas” ganha musicalidade através da rima dos quatro primeiros versos que se finalizam com adjetivos terminados com o sufixo “inha”, que conferem ainda efeito de afetividade. As quatro fases da Lua parecem personificar mulheres com distinta aparência. O poeta então convoca essas quatro luas deusas que habitam o espaço celestial em oração, pedindo que “olhem pra terra e vejam a nós”, sujeitos nas beiras, nas margens, nas sobras.

Luas

Lua nova e bonitinha.
Lua cheia e gordinha
Lua minguante e apaixonadinha
Lua crescente e espevitadinha.
Olhem pra terra e vejam a nós,
humanos tontos e tortos
nas beiras dos rios,
nas margens da vida,
nas terras vermelhas,
nas águas batidas.
(RODRIGUES, 2017, p. 77).

Finalizamos nossas análises com um poema que novamente exalta os dois rios do estado e o interstício onde se situa sua gente.

Entre o Araguaia e o Tocantins

Entre o Araguaia e o Tocantins
encontrei um nicho
de novas pessoas.
Almas antigas e novas,
leis naturais e inventadas.
Ali tudo é verde ou seco,
bom ou solto,
firme ou leve,
mas sempre marcado
pela vermelhidão
da terra fértil.
E quando a chuva aparece,
tudo se exubera.
Nada de simplicidade,
mas de águas fortes.
Neste lugar tudo é rios,
tudo é vida.
(RODRIGUES, 2017, p. 78).

Há apenas referência genérica à gente do lugar – “nicho de novas pessoas”, “almas antigas e novas” –, mas sem maiores distinções, valendo-se de hiperônimos. O que ressalta ainda é a paisagem e, sobretudo, a intensidade dos contrastes que coabitam no mesmo espaço, traduzidos pelo emprego de antônimos. Não há, nessa nova Mesopotâmia, senão contraste e intensidade, que tornam possível uma vida onde não há lugar para a “simplicidade”. É dessa tensão que emerge a vida.

Nos poemas de Rodrigues, vemos, portanto, o atravessamento do sujeito pela apreensão sensível do mundo, de que fala Tuan:

Dos cinco sentidos tradicionais, o homem depende mais conscientemente da visão do que dos demais sentidos para progredir no mundo. Ele é predominantemente um animal visual. Um mundo mais amplo se lhe abre e muito mais informação, que é espacialmente detalhada e específica, chega até ele através dos olhos, do que através dos sistemas sensoriais da audição, olfato, paladar e tato. A maioria das pessoas, provavelmente considera a visão como sua faculdade mais valiosa e preferiria perder uma perna ou tornar-se surda ou muda a sacrificar a visão. (TUAN, 2012, p. 7)

Essa visualidade se corporifica mediante as descrições da paisagem intensificada pelos adjetivos. O poeta vê, mas, sobretudo, sente, qualifica, adjetiva, reage, engrandece, multiplica. Solitário, não nomeia outros sujeitos na paisagem cantada repetidamente, apenas convocando aqui e ali um outro, o enunciatório eleito como destinatário de seus versos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível a relevância do legado cultural de um povo, tornando fundamental a valorização das expressões culturais em diferentes manifestações, sendo elas imprescindíveis para a identidade. Nesse sentido, faz-se relevante compreender a respeito das produções artísticas de autores que vivem no estado do Tocantins e que vão contribuindo para dar contornos à vida literária. Sem estudos muito abrangentes sobre a caracterização da produção literária no Tocantins, tivemos como objetivo contribuir com nossas análises para a compreensão das características da poesia de um de seus principais escritores de Araguaína, Wallace Rodrigues.

Neste estudo, analisamos trabalhos de um poeta que escolhe viver no Tocantins e que, seduzido por sua paisagem, canta-a repetidamente, como quem parece não querer escrever outra coisa. Registra-se, assim, uma dedicação amorosa ao estado, constituindo uma relação de topofilia, como apontada por Tuan (2012), com predomínio da figuratização trazida pela visualidade.

Num processo de reterritorialização, o poeta antes migrante se vê diante do “seu lugar” no mundo, o que lhe possibilita a sensação de pertencimento e acolhimento. Conforme Haesbaert,

Tanto na desterritorialização como anulação das distâncias quanto na desterritorialização como desmaterialização das relações sociais (ou como perda de referenciais concretos) a ênfase é dada a um fato fundamental dos nossos dias: a mobilidade crescente que rompe com a fixidez que tradicionalmente era uma das marcas da territorialidade. (HAESBAERT, 2003, p. 17)

Como o sujeito, em busca do sentido, não pode ficar sem encontrar “seu lugar”, é preciso romper com a desmaterialização das relações sociais dadas pela fugacidade e precariedade das interações e as inconstâncias do movimento de partida dadas pelas migrações. O que o poeta então revela é o sossego e o agradecimento pela paisagem que o acolhe.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo, São Paulo: Ática, 2005.

BENVENISTE, Émile. **Elementos de linguística geral II**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

CRUZ, José Manoel Sanches da. **A representação do imaginário local em Serra dos Pilões – jagunços e tropeiros e Mandinga: tensões e perspectivas**. In: Serra dos Pilões – jagunços e tropeiros e Mandinga: uma literatura de formação no Tocantins. Tese PPGL. UFF. 2008

DEBONI, Mirian Aparecida. **O papel das academias de letras na formação e caracterização da atividade literária no Tocantins**. Tese de pós-graduação. UFF. 2007.

DEBONI, Mirian Aparecida. **A vida social e cultural e a atividade literária no Tocantins**. Revista EntreLetras (Araguaína), v. 01, p. 13/2-24, 2011.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Ática, 2000.

FIORIN, José Luiz. Três questões sobre a relação entre expressão e conteúdo. **Itinerários**, Araraquara, n. especial, p. 77-89, 2003.

GONÇALVES, L. J. Prefácio. In: RODRIGUES, W. **Terra entre rios**. Palmas: EDUFT, 2014.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979, 493 p.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, p. 11-24, jan. 2003.

LANDOWSKI, E. Regimes de espaço. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 29, p. 10-27, jun. 2015.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **Leituras de textos de autores tocantinenses**. Goiânia: Kelps, 2008.

NUNES, Elitane R. B. **A poética de engajamento político de Fidêncio Bogo: uma análise em semiótica discursiva**. Monografia de Graduação. Universidade Federal do Tocantins. Campus Universitário de Araguaína. Curso de Letras, 2018. 50f.

OLIVEIRA, A. M. O mundo rural na literatura regional de Goiás e Tocantins. **Baru**, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 93-111, jan./jun. 2016.

PALMAS. **Programa estadual do livro e da leitura vamos ler! Literatura tocantinense**. Palmas: Secretaria de Educação, Juventude e Esportes, 2016.

PIRES, L. A.; OLIVEIRA, V. C. A presença do regionalismo na literatura tocantinense: diálogo com Célio Pedreira. **Revista Porto das Letras**, v. 2, Número Especial, p. 171 –n181, 2016.

QUINTANA, Mário. **Caderno H**. 2 ed. São Paulo: Globo, 2006.

RODRIGUES, Wallace. **Tempos e coisas**. Timburi, SP: Cia. do E-book, 2018.

RODRIGUES, Wallace. **Terra entre rios**. Palmas: EDUFT, 2014.

RODRIGUES, Wallace. **Interiores**. Palmas: EDUFT, 2017.

RODRIGUES, Wallace. **Alma viajante**. Rio de Janeiro: CBJE, 2013.

RODRIGUES, Wallace. **Experimentos de ser e estar**. Palmas/TO: EDUFT, 2018b.

RODRIGUES, Wallace. **Postcolonial poems**. EUA: Lulu, 2008.

RODRIGUES, Jean Carlos. **Estado do Tocantins: política e religião na construção do espaço de representação tocantinense**. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, São Paulo.

SILVA, Luiza Helena Oliveira da; PINTO, Francisco Neto Pereira. Sobre a leitura de O quati e outros contos, de Fidêncio Bogo. **Revista Querubim**, Seção Especial, p. 1-13, 2010. Disponível em: http://www.revistaquerubim.uff.br/images/arquivos/verso_final_quati_para_revista_querubim.pdf. Acesso em 11 out. 2018.

SILVA, Madaire Gomes da. **Memórias do Tocantins no livro *O primeiro picolé*, de José Francisco Concesso**. 2019. Monografia (Licenciatura em Letras) – Curso de Letras, UFT, Araguaína, Tocantins.

SILVA, Luiza H. O. Problemas de fronteira, questões de identidade, traduções na arte contemporânea. In: OLIVEIRA, Luiz Roberto Peel Furtado; SILVA, Luiza Helena Oliveira; RODRIGUES, Wallace (Org.). **arteS**. 1ed. João Pessoa: Ideia, 2017, p. 93-110.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.